

SEJAM RACIONAIS!

texto: luísmenezes.cláudiabaptista . ilustração: ricardovilasboas

D. Quatro Sentado adorava conversar com D. Seis Cereja e D. Oito Biscoito, sempre que eles regressavam da Terra dos Humanos, todos os dias, sempre à mesma hora. D. Oito Biscoito era muito engraçado e tinha um jeito especial para contar histórias que deixavam D. Quatro Sentado quase a cair da cadeira de tanto rir, especialmente quando falava dos Partidos. D. Seis Cereja não tinha vontade de rir, sempre que se falava dos números Partidos. O seu vizinho, o elegante D. Nove Candeeiro, tinha-lhe contado que, de todas as vezes que ele se tinha encontrado com esses números imperfeitos, ficara tão arreliado que a sua cabeça ficava feita num oito. Felizmente que os números Partidos, a que alguns também chamavam “Quebrados”, viviam bem longe, do outro lado da Terra dos Números, numa zona sombria e cinzenta. O maior problema era o acesso e o regresso da Terra dos Humanos, que se fazia pela zona Beta, comum aos números da zona Alfa – os perfeitíssimos e realíssimos Números Inteiros – e aos residentes na zona Gama – os estranhíssimos e chatíssimos Números Partidos.

Os Números Partidos, ao contrário dos realíssimos Inteiros, tinham formas diversas, algumas pouco menos que aberrantes. As frações, as mais antigas na zona, eram quase sempre muito altas e muito desequilibradas. Volta e meia deixavam cair os números da chamada “plataforma superior”, porque os irrequietos números do rés-do-chão, que tinham a alcunha de Deno’s, se aproximavam muito dos Números Inteiros. Numa dessas aproximações intrometidas, tinha-se formado um ser estranho, um número que nem era

partido completo, digamos assim, nem um inteiro completo – chamavam a este ser híbrido e desajeitado “numeral misto fracionário”. Mas, os piores de todos eram uns seres rastejantes, sempre a dar ao rabo, chamados dízimas. Eram uma espécie de bichas, digamos, umas bichas com muitas pernas, que se deslocavam no campo em ziguezague, chocando com tudo o que estivesse pelo caminho. Era um horror, era mesmo impossível, especialmente com as dízimas infinitas, mas também com as finitas mais longas. Quando as dízimas infinitas vinham à rua, era alucinante. Nem valia a pena esperar, porque elas, para além daquele andar ondulante, ficavam ali a passar, a passar... sem parar. O remédio era só um... digamos dois! Ou se passava por baixo ou então por cima. O pior era que nem sempre era possível encontrar ali perto uma ponte ou um túnel para passar.

Os Números Inteiros nunca tinham compreendido o que levara os humanos a criarem aqueles números. Para os Inteiros, era muito melhor se os humanos não partissem as coisas.

– Para quê partir a hora em quartos de hora? – perguntava muitas vezes D. Quatro Sentado. Ele achava que os humanos seriam mais felizes se só usassem horas inteiras.

– Para quê marcar as reuniões às nove e um quarto. – exclamava.

– Ninguém vem a essa hora! Marque-se às nove ou às dez. – concluía solenemente.

Mas, na Terra dos Humanos, usavam essas imperfeições e não havia nada a fazer, resignava-se D. Quatro Sentado. Durante a noite, tanto os Números Inteiros como os Números Partidos regressavam à Terra dos Números, que existia noutra dimensão, deixando na Terra dos Humanos só a sua representação – uma espécie de fotografia sua!

Num desses regressos noturnos, pela escorregadia zona Beta da Terra dos Números, aconteceu o que se temia há muito tempo. Apesar de uns entrarem pela direita (os Partidos) e outros pela esquerda (os Inteiros), a frágil

Cidade dos Números



fração Quatro Terços Partidos deixou cair da sua plataforma o Quatro-Fração, também conhecido por Quatro Numera, sobre o realíssimo D. Quatro Sentado que tinha acabado de chegar a grande velocidade. Quando os dois números olharam um para o outro foi como se vissem, mutuamente, uma coisa má e desataram a gritar histericamente. Depois, D. Quatro Sentado, não habituado a estas coisas, deu-se conta que para além de estar a ficar afónico tinha fraturado uma das suas pernas. Rapidamente, acorreram muitos Números Inteiros, especialmente do corpo de segurança dos números primos, que trataram de afastar o ofensor. Sim, para os Números Inteiros, este caso tinha sido a gota de água que fez transbordar a sua revolta. Alguma coisa teria que ser feita! Não bastava um simples julgamento. Era necessário algo mais, talvez uma cimeira entre os mais altos dirigentes dos Grupos de Números.

Assim foi. Convocou-se uma Cimeira de Números e reuniram-se no cimo da zona Beta todos os ilustres representantes das cidades numéricas vizinhas. Para presidir à cimeira, que tinha como finalidade debater algo que era muito mais do que aquele grave incidente, foi escolhido o Rei-Pi, por ser dos mais antigos números e por ter fama de ser imparcial.

Do alto da presidência, o Rei-Pi deu início à Cimeira, apelando à concórdia e harmonia entre as partes. Ainda estava nisto quando uma quente aragem despenteou aqueles rebeldes cabelos que teimosamente não caíam para o não deixar inteiramente calvo. Logo tratou de resolver o problema colocando a douradíssima coroa. Depois, convidou os altos representantes das duas partes a apresentar os seus argumentos. O eminentíssimo D. Duo II, nomeado representante dos Números Inteiros, ergueu-se, ajeitou o seu caracol (não lhe fosse acontecer o mesmo que a Rei-Pi), e, altivo, dirigiu-se ao púlpito, falando nestes termos:

– Excelentíssima Majestade, D. Pi, ilustres companheiros, hoje, estamos aqui reunidos em Cimeira para resolvermos este grave problema de insegurança que, há muito, transtorna a nossa bela terra.

Aclarando a voz, D. Duo II continuou com mais vigor, fazendo a defesa dos Números Inteiros:

– Nós, Inteiros de nascença, estamos certos de que a razão estará do nosso lado. Criados pelos humanos hindus e depois espalhados pelos humanos árabes, formamos um sistema muito organizado. Surgimos para revolucionar os métodos de contagem e relacionar quantidades. Hoje, somos a base da Estatística, indicamos a temperatura e o passar do tempo, estamos no comércio e na economia. Somos extremamente necessários aos humanos porque mantemos a ordem, designamos e localizamos coisas. Que grande balbúrdia seria se não medíssemos com exatidão!!! Que confusão haveria se as quantidades não contassem connosco?!!! Quanto a esses Números Partidos, que se atravessam constantemente no nosso caminho, são inoportunos e extensos, atrapalhando a ordem e a boa convivência entre nós, que existimos há milhares e milhares de anos. Por tudo isto, achamos que devem ser colocados num local isolado. Tenho dito!

O Rei-PI ficou inquieto com a arrogância do representante dos Números Inteiros. Depois de fazer uma pausa longa, deu a palavra ao representante dos Números Partidos, uma fração. Envergonhada pela sua fraca condição social, a fração unitária Partido ao Meio ajeitou-se e, ainda um pouco corada no cimo da sua plataforma superior, aproximou-se do microfone. Meia desequilibrada, como de costume, fez tal ruído que quase ensurdeceu os presentes. Ouviu-se um burburinho prolongado na Assembleia. Mas, Partido ao Meio, apercebendo-se da grande responsabilidade que lhe fora atribuída, resolveu elevar a voz e tomou a palavra:

– Caríssimos – balbuciou a medo, mas continuou. – Nós, os Números Partidos, somos alvo de constante injustiça por parte dos Inteiros. Estamos aqui para defender a nossa existência. Lembro-vos que nascemos no antigo Egito, para resolver problemas de medições de terrenos das margens do rio Nilo. Surgimos porque os Inteiros não foram capazes de dar resposta a esses

problemas.

Enquanto os Números Inteiros se mexiam, parecendo estar com comichão, a fração unitária Partido ao Meio retomou a exposição:

– Temos consciência de que alguns de nós somos demasiado compridos e outros demasiado altos, mas somos tão úteis como os Inteiros. Sem o bastardo Zero, tornámos a divisão sempre possível, preenchendo o vazio entre os Números Inteiros. Somos capazes de relacionar a parte com o todo e quando nos operamos até formamos inteiros! Medimos tudo e mais alguma coisa! Reclamamos o nosso espaço entre os números. Não aceitamos privilégios!

Após estas palavras, gerou-se a mais absoluta confusão na Cimeira. Os números que estavam a assistir começaram a insultar-se e voaram objetos pelo ar. Do lado dos Números Partidos, as dízimas começaram logo a abanar o rabo, principalmente as de período longo. Perante aquele caos, o Rei-Pi não sabia o que fazer nem o que dizer. A única coisa que lhe ocorreu foi gritar em altos berros:

– Sejam racionais, sejam racionais, sejam racionais...

Estranhamente, à medida que ia repetindo estas palavras, a assembleia que acompanhava a Cimeira foi acalmando e a ordem restabeleceu-se. Logo de seguida, o Rei-Pi retirou-se para tomar a decisão. O tempo passou, passou... e os números à espera. E passou mais tempo e nada... Passadas, precisamente, seis horas e meia – estranho número, pensaram muitos dos presentes – o Rei-Pi voltou com a decisão tomada. Começou assim:

– Meus amigos Números, eu determino que todos sejam Racionais.

Nisto, levantou-se e desapareceu entre os números. Todos ficaram espantados com a atitude do Rei-Pi. O que teria acontecido? Alguns conjecturavam que se teria sentido mal, outros que teria ido à casa de banho e que depressa voltaria, outros, ainda, apostavam que não regressaria. E não voltou mesmo! Contudo, deixou umas palavras escritas que explicavam a sua decisão. A mensagem, que passou a ser lei e que serenou a terra dos

números, até hoje, dizia o seguinte:

1. Todos os números, inteiros ou partidos (que a partir de agora serão chamados de fracionários), farão parte da mesma família, a dos números racionais.
2. Por isso, devem respeitar-se mutuamente e todos terão o direito de escrever-se na forma de fração ou razão.
3. As dízimas infinitas, ao contrário das finitas, estão proibidas de circular na via pública. As frações podem circular livremente, mas devem centrar numerador e denominador para andarem sempre equilibradas.